

## ANTIFUNDACIONISMO E JOGOS DE LINGUAGEM NA FILOSOFIA PRAGMÁTICA DE WITTGENSTEIN

*Francisco Jozivan Guedes*<sup>1</sup>

Nesta comunicação pretendo apresentar o impacto teórico da pragmática wittgensteiniana, expressa nas *Investigações Filosóficas*, para as filosofias fundacionistas que postulam ou pressupõem uma base metafísica ou totalizante para a compreensão da realidade. Para isso, utilizei-me, sobretudo, das noções de *jogos de linguagens* e *Lebensform*.

Tais noções indicam que a linguagem não se restringe simplesmente ao nível semântico ou sintático, mas é pautada na conexão com a comunidade dos falantes, de modo que dela não se pode apreender uma estrutura universal, abstrata e necessária, haja vista ser plural e imersa nos diversos contextos linguísticos. Isso indica que “o significado de uma palavra é seu uso na linguagem.”<sup>2</sup>

Wittgenstein está convicto que o objetivo precípua das *Investigações* é *descobrir os usos da linguagem na vida cotidiana*. Não se trata, portanto, de pensá-la, como fez Agostinho, a partir de um ponto de vista puramente sistêmico, entendendo-a como algo essencialista e aplicável a todos os domínios, mas sim a partir da sua *utilidade e inutilidade* dentro de um jogo em específico.

O fundacionismo será aqui combatido através de duas vias: **(i)** *pela via lógica* quando se afirma que na lógica não pode haver vaguidade, porque o ideal tem que se encontrar na realidade, de modo que não se deve falar de proposições desconectadas do mundo; **(ii)** *pela via deflacionista* dos jogos quando se afirma que os filósofos ao usar as palavras “saber” e “ser”, devem se perguntar sobre o *uso real* dessas palavras no cotidiano.

Essas vias pressupõem que os jogos linguísticos sejam concebidos como a totalidade da linguagem e as atividades concretas com as quais se relacionam. Eles pressupõem linguagem, regras e contextos específicos de aplicabilidade. Ou seja, representar uma linguagem implica representar uma forma de vida (*Lebensform*).

---

<sup>1</sup> Francisco Jozivan Guedes de Lima. Doutorando em Ética e Filosofia Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Agemir Bavaresco. [Jozivan2008guedes@gmail.com](mailto:Jozivan2008guedes@gmail.com)

<sup>2</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996, n. 43, p. 43.

Wittgenstein está ciente que a linguagem deve assumir um viés pragmático para que assim solucione questões complexas como, por exemplo, o da vaguidade. Sua tese é que “os problemas filosóficos têm sua origem quando a linguagem folga.”<sup>3</sup> Assim, deve-se explicar a palavra “vermelho” indicando algo da realidade que contenha a cor vermelho. Trata-se, então, de enfrentar o problema da determinação. O pensar não é um “processo sem corpo”, mas tem conteúdo real. Essa necessidade de determinação linguística implica que as normas de comunicação designem, mormente, o que é elemento da realidade. Isso já estava posto no último parágrafo do *Tractatus* com a tese que *sobre o que não se pode falar, deve-se, então, calar-se.*

Por não serem fundacionistas, isto é, por não constituírem uma explicação última e universal da realidade, os jogos de linguagem são concebidos como um “contorno de conceitos imprecisos”, de modo que quem usa a linguagem não é obrigado a jogar somente um jogo determinado como, por exemplo, o filosófico. Isso implica que nenhuma ciência, saber ou jogo detém uma verdade última e definitiva acerca do mundo.

Disso decorre que os jogos de linguagem não podem ser conceitualmente esgotados. A função do filósofo não é impor regras aos jogos (tarefa normativa), mas apenas descrevê-los (tarefa expositiva do real). O certo e o errado, nesse sentido, não são determinados pelo filósofo ou por uma entidade teológica, mas é aquilo que os homens dizem. Ou seja, “a filosofia deixa tudo como está.”<sup>4</sup> Além dessa neutralidade, Wittgenstein salienta que a *filosofia deturpa a realidade com seus termos abstratos*, pois “quando filosofamos, somos selvagens, homens primitivos, que ouvem o modo de falar dos homens civilizados, interpretam-no mal e tiram as mais estranhas conclusões de sua interpretação.”<sup>5</sup>

Enfim, poder-se-ia terminar essa comunicação afirmando peremptoriamente que o mérito do pragmatismo linguístico de Wittgenstein foi ter *conduzido as palavras do seu emprego metafísico de volta ao seu emprego cotidiano dos jogos linguísticos.*<sup>6</sup> A partir dessa reviravolta, devemos filosofar sempre tendo em vista a impossibilidade de uma teoria que pretenda oferecer um fundamento último e universal de explicação do mundo. Ou seja, toda e qualquer espécie de pensamento fundacionista deve antes de tudo passar pelo crivo dos jogos de linguagem e das

---

<sup>3</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996, n. 38, p. 42.

<sup>4</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996, n. 124, p. 67.

<sup>5</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996, n. 194, p. 91.

<sup>6</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996, n. 116, p. 66.

diferentes formas de vida que envolvem tais jogos. Trata-se, assim, de ver a rica multiplicidade dos sentidos linguísticos, ao invés de reduzi-los a um padrão universalizante. De fato, cada jogo tem suas regras e suas aplicabilidades.